

**SANDRA CISNEROS: FEMINISMO, VIDA E LITERATURA**

**Maria Luana Caminha Valois**

**UFPE**

À luz das teorias de Gênero, e incentivados pelo interesse em discutir a situação das mulheres, latino-americanas, que vivem em contexto migratório, em ambientes de transculturação continua sendo desafiadas constantemente pelo quase inóspito lugar, escolhemos refletir a respeito da escrita<sup>1</sup> da autora Sandra Cisneros.

Por um viés analítico-crítico e bibliográfico, defendemos que esta escolha nos possibilitará abrir um caminho de diálogo com as expressões literárias das margens<sup>2</sup>, visto que a escritora pontua questões circunscritas aos contextos sociais nos quais mulher é, muitas vezes, definida por temas como a feminilidade e maternidade.

Assim a proposta é discutir, neste apartado, a partir do que é revelado nos escritos de Sandra Cisneros, as temáticas que envolvem Gênero, alicerçados em elementos que problematizam as identidades de sujeitos marcadas pela imigração - as mulheres Chicanas, que passam por um constante processo de subjugação a estereótipos nos mais diversos âmbitos da vida.

Dessa forma, buscamos demonstrar que o peso da expectativa de Gênero não nos permite reconhecer quem somos, pois antes de ter a possibilidade de refletir acerca disso, somos moldados ao que regulamenta a tradição heteronormativa dominante. Já que nunca é levada em conta a postura e a mentalidade legítima das mulheres, pois focamos sempre em interesses relacionados à soberania do Gênero socialmente privilegiado e por isso, muitas vezes, nossas

---

<sup>1</sup> Os contos analisados nesta pesquisa usam o inglês formal, modismos estadunidenses, espanhol do interior do México. Sandra Cisneros ainda enriquece os contos com o Náhuatl e o Maya (línguas dos povos originários mexicanos), por fim, privilegia as formas orais, plasmando-as em seu texto.

<sup>2</sup> Entendemos que por muitos anos o cânone literário foi branco, hetero-normativo e majoritariamente masculino. Por isso, usamos o termo “margem” (e suas variações) por entendermos que ainda existe um longo caminho para que obras como a de Sandra Cisneros tenham a visibilidade e o respeito que merecem. Com o passar dos anos e das lutas, expressões artísticas marginalizadas fissuraram o compilado de obras tidas como superiores, porém é sabido que a caminhada ainda é longa.



escolhas são baseadas nas expectativas masculinas. Fato este verificado nos personagens *cisnerianos*<sup>3</sup>.

Nesse sentido, faz-se necessário informar que Sandra Cisneros<sup>4</sup> nasceu em Chicago (filha de um mexicano com uma mexicana-estadunidense) e começou sua trajetória como escritora ao publicar a obra de poemas *Bad Boys* (1980), mas foi o romance *The House on Mango Street* (1984) que a tornou internacionalmente reconhecida como uma das mais notáveis autoras Chicanas. Isso significa dizer que o enfoque no espaço geográfico - fronteira<sup>5</sup> entre os EUA e o México - e o uso metafórico que faz deste espaço, converte Sandra Cisneros em expoente de uma literatura de margem, literatura Chicana, que ganhou destaque a partir das mudanças ocorridas na terceira onda feminista. A referida autora tem uma página na internet<sup>6</sup>, onde publica as informações de sua vida e carreira, é nele, escrito pela própria autora, que nos baseamos para apresentá-la.

À vista disso, entendemos que a obra de Sandra nos ajuda a refletir acerca dos caminhos percorridos por mulheres-personagens, que buscam em suas vidas, além dos processos de autoconhecimento, o respeito à individualidade e a autonomia para decidir sobre suas vidas – não só para os personagens, como também para os que se dispõem a ler sua obra, como destacamos no conto *Uma santa noite*: “no creo que entiendan qué se siente ser mujer. No creo que sepan cómo es tener que esperar tu vida entera” (CISNEROS, 1996, p. 37).

Por isso destacamos que existe dentro desta obra a possibilidade de autoproduzir-se, criando a consciência que antes não existia, nos possibilitando penetrar em esferas de vivências ao mesmo tempo distantes e próximas, para com isso, ressignificar suas realidades.

<sup>3</sup> Termo utilizado por Liliana Valenzuela no posfácio da obra que estamos analisando. Deveria ter apresentado Liliana como tradutora dessa obra.

<sup>4</sup> Ganhadora do prêmio **PEN/Nabokov Award for Achievement in International Literature 2018**, da bolsa de estudos **NEA** tanto em poesia como em ficção, da **Medalla de las Artes de Texas** e da bolsa **MacArthur**. Também ensinou em muitas faculdades e universidades, incluindo a Universidade da Califórnia, Universidade de Michigan e Universidade do Novo México.

<sup>5</sup> O conceito de fronteira carrega, então, o sinal de morte e de vida, a possibilidade de fim e a esperança de um reinício, traduzindo os paradoxos e contradições que estão presentes no interior da cultura fronteiriça.

<sup>6</sup> A referida página tem como endereço: <https://www.sandracisneros.com/mylifeandwork>.



Percebemos assim, a existência de uma essência que une a pesquisadora e a autora: a complexidade do ser-feminino nos acerca das letras de Sandra Cisneros, tendo em vista ainda que esta escritora nos apresente um caráter profundamente reflexivo – o qual nos conduz a pensar sobre a constituição do ser, em um espaço plural e fragmentado, marcado por descentramento e heterogeneidade, capaz de comportar até o contraditório (BHABHA, 2013). É este deslocamento e acúmulo que caracteriza as vidas Chicanas.

Mais: *el camino se hace al andar*<sup>7</sup>, pois ao passo que lemos, ou caminhamos, construímos não só a compreensão de uma sociedade, pois “ler é ir ao encontro de algo que está para ser e ninguém sabe o que será.” (CALVINO, 1990, p. 78). Construímos a noção de nós mesmos, sujeitos que tiveram suas subjetividades negadas, em prol de servir aos anseios do sistema patriarcal.

Por isso, agregamos, no que é relativo à matéria textual, melhor dito, às letras de Sandra Cisneros, que “o texto é tecido por esse vaivém destinado a exprimir a imprecisão do tempo” (CALVINO, 1990, p. 32). E é justamente nesta imprecisão do mundo líquido (BAUMAN, 2003) que nos encontramos, principalmente, em contexto de fronteira.

Por conseguinte, em relação aos personagens, considero que, parafraseando Patrick Chamoiseau (1992), no livro *Texaco*, somos prolongamentos de outros – e de nós mesmos. Pois só somos em relação à (GLISSANT, 1981) - autores, leituras, viagens, memórias, como afirma Édouard Glissant, na obra *Poética da relação* (1990).

Tais questionamentos postos reforçam a importância de ler e reler exemplares e contos como os de Sandra Cisneros, textos estes que escancaram os óbvios invisíveis que permeiam nossa sociedade, lançando sobre a mulher modelos sufocantes e silenciosos de comportamento que só violam o direito primário do indivíduo: o de ser. Pois estes acúmulos de leituras e memórias interligam-nos à autorreflexão das mazelas humanas, muitas vezes cometidas por nós mesmos dentro de nossas inter-relações, em um movimento perpétuo de efeitos e mudanças; onde o destino final não será o bem a ser atingido, e sim a

<sup>7</sup> Trecho extraído do poema Caminante, no hay camino de Antonio Machado (1973).

Notas sempre no rodapé e apenas explicativas (nunca com referências bibliográficas), com fonte Cambria, tamanho 10, espaçamento entre linhas simples. Não usar notas de rodapé manuais, empregar a ferramenta específica do Word for Windows.



caminhada, o que mais almejaremos, pois é nela que as enfermidades vão sendo curadas.

Seguindo com nossa reflexão, apontamos para a subjetividade e o sentimentalismo em que Cisneros embebe seu texto, com descrições minuciosas e sensações provocadas pela vida, nos transporta para o cenário da fronteira, por isso destacamos um trecho do conto *Esta Lucy mi amiga, que huele a maíz*: “puerta con mosquitero sin mosquitero. Sillón gordo em el porche. Algunas de las ventanas pintadas de azul, otras de rosa, porque su papi `taba cansadi ese día o se le olvidó” (CISNEROS, 1996, p. 04). A autora ainda acrescenta:

Estoy sentada en el sol aunque es la hora más caliente del día, la hora en que las calles se marean, cuando el calor te hace un sombrerito en la cabeza y tuesta bien bien el polvo y el zacate y hace que todo sude, todo se llene de vaho y huela como maíz dulce (CISNEROS, 1996, p. 04).

Destacamos, dessa forma, a maneira que a descrição minuciosa a qual Cisneros recorre envolve os leitores, igualmente, percebemos a forte ligação das mulheres fronteiriças em território estadunidense com os ícones de sua cultura natal, neste caso aqui representado pelo *maíz* (milho).

Além disso, compreendemos que os modos de narrar sempre serão unitários e cravados de memórias. É neste contexto que se inicia a desconstrução da fronteira territorial, que já não é símbolo de transgressão, mas de fluidez e hibridismo, reconfigurando-se nas letras de quem constrói a sua identidade entre mundos, tal definição se sustenta a partir das palavras de Glória Anzaldúa redigidas no artigo nomeado *La conciencia de la mestiza a conciencia de la mestiza a conciencia de la mestiza / Rumo a uma nova consciência* (1987):

Porque eu, uma mestiza, continuamente saio de uma cultura para outra, porque eu estou em todas as culturas ao mesmo tempo, alma entre dos mundos, tres, cuatro, me zumba la cabeza con lo contradictorio. Estoy norteadá por todas las voces que me hablan simultáneamente (ANZALDÚA, 1987, p. 704).

Nesta citação podemos entender claramente, pelas letras de outra escritora Chicana, que o hibridismo vai além de tão somente uma localização territorial, ele afeta diretamente o emocional das personagens Chicanas, pois se identificam com

Notas sempre no rodapé e apenas explicativas (nunca com referências bibliográficas), com fonte Cambria, tamanho 10, espaçamento entre linhas simples. Não usar notas de rodapé manuais, empregar a ferramenta específica do Word for Windows.

[www.xicongressohispanistas.com.br](http://www.xicongressohispanistas.com.br)  
[contato@xicongressohispanistas.com.br](mailto:contato@xicongressohispanistas.com.br)



ambas as culturas até mesmo em seu contraditório, pois é clara a hierarquização construída pelas imposições imperialistas estadunidenses diante da cultura mexicana.

Podemos marcar mais uma característica presente na autora que estamos analisando, o feminismo que vibra nos textos de Cisneros é uma colaboração importante para romper com a reiteração do retrato da mulher ideal e da obediência servil que a sociedade patriarcal insiste em relacionar ao feminino. No conto *Mi tocaya*, Cisneros registra este apontamento:

Como cuando invitaban a algunos de los muchachos de Holy cross para vinieran a teología y algunas de nosotras de la Sorrows íbamos a su escuela. Y hacíamos como que estábamos bien interesadas en el tema: “La Santísima Virgen: modelo a seguir para la mujer joven de hoy”. Mierdas de ésas (CISNEROS, 1996, p. 41)

Entendemos, então, que, por mais que a tradição venha, ao longo dos anos, justificando comportamentos sociais repressores, não importando assim, o que o indivíduo anseia, o movimento feminista trabalha em função de ampliar a compreensão de mulheres e homens, para que se construa a possibilidade de vida em uma sociedade mais generosa.

Como isso, pretendemos refletir sobre a importância dada ao padrão inalcançável hetero-normativa. Melhor dito, caixas inventadas; um passado utópico e inexistente, onde o *status quo* deve ser respeitado a qualquer custo e em detrimento de qualquer vontade, levando o indivíduo, caso queira andar contra o sistema, a ser taxado como louco e inadequado.

Por isso, devemos contestar os pressupostos em busca de ressignificar as práticas sociais para que as futuras mulheres possam ter autonomia para entender não existe característica intrínseca de um determinado Gênero, e que: “A linguagem é um repositório de nossos preconceitos, de nossas crenças, de nossos pressupostos” (ADICHIE, 2009, p 35). Ou seja, como a autora mesmo coloca, devemos contestar a nossa linguagem, uma vez que elas explicitam os estereótipos que formatam e limitam nosso pensamento.

Assim, entendemos que seremos bem mais felizes sem o peso das expectativas de Gênero, e nem o olhar masculino determinando nossas escolhas, e



nos forçando a negar as especificidades de cada indivíduo, pois no reconhecimento deste fato é que podemos caminhar para a transformação da cultura machista.

Conseqüentemente, defendemos que a cultura não é algo estático, mas algo que está sempre em transformação, conseqüentemente não pode ser justificativa para a permanência de um sistema que oprime e cala a mulher em favor da voz do homem. A partir desta observação, buscamos refletir ainda, maneiras onde possamos conscientizar a sociedade da importância e urgência em mudar, para que homens e mulheres possam conviver em regime de equidade e respeito.

Dessa forma, consideramos que a literatura, a cultura Chicana e os estudos de Gênero estão estabelecidos a partir de uma noção de trocas e negociações entre eles, agregando assim a possibilidade de ponderar sobre questões históricas e de vozes marginalizadas. Isso significa romper com os tradicionais dualismos (feminino/masculino, inglês/espanhol, mexicano/estadunidense) que colaboram para a permanência das desigualdades sociais.

Por este motivo, reiteramos a escolha Sandra Cisneros, uma transgressora de fronteiras, que questiona valores tradicionais, comportamentos, normas historicamente determinadas pela cultura e outros sistemas de dominação que influenciam na formação das identidades principalmente de sujeitos que são excluídos econômica e culturalmente. Por não partir de um centro cultural hegemônico, Cisneros tece críticas às culturas, contextos e ao sistema patriarcal, a partir de uma perspectiva feminista e transcultural, denunciando situações de desigualdade pautadas na diferença.

Nesse sentido, entendemos que existe uma reconhecível necessidade de que autoras como a que propomos sejam estudados com profundidade. Deste modo, estendemos uma ponte entre os Estudos Culturais<sup>8</sup> e as teorias feministas através da obra que compõe o corpus de nossa pesquisa, por acreditar que vamos

---

<sup>8</sup> Este termo remete ao campo de investigação de caráter interdisciplinar que explora as formas de produção ou criação de significados e de difusão deles nas sociedades atuais. Nessa perspectiva, as criações de significado e dos discursos reguladores das práticas significantes da sociedade revelam o papel apresentado pelo poder na regulação das atividades cotidianas das formações sociais. Sendo assim, os estudos culturais não se configuram exatamente como uma disciplina distinta, mas sim uma abordagem ampla dentro das disciplinas constituídas.



contribuir de maneira significativa para a quebra de fronteiras epistêmicas, no que concerne à literatura contemporânea de produção feminina.

Vale ressaltar, ainda, que tais questões, descritas acima, não são amplamente discutidas na sociedade, e nós acreditamos que para desenvolver um ambiente mais equitativo necessitamos trazer tais temáticas a luz, para que sejam exaustivamente discutidas. Portanto, acreditamos que temos a responsabilidade de dar tal contribuição, assim, optamos por pensar a partir da literatura Chicana (CISNEROS, 1996), como uma possibilidade de trabalhar a mulher desde um olhar mestiço e desprestigiado (PINA, 2005). A partir dessas questões, temos a intenção de refletir, ao longo da pesquisa, como tal proposta está influenciando a constituição de uma coletividade crítico reflexiva, além de mais equitativa.

Destarte, refletindo a respeito do que a historiografia conferível dos estudos de Gênero, até o século XIX, a mulher era vista como um ser inferior aos homens, as quais não possuíam os mesmos privilégios que eles, por exemplo, ler, escrever, estudar, guerrear, enfim: escolher. Diante disso, a figura feminina foi construída por uma sociedade patriarcal, na qual as atribuições da mulher estavam restritas aos afazeres domésticos e a ter e educar os filhos. Por ser primordialmente feita por homens, esta mesma disciplina nos omite, em muitos momentos, mulheres e seus feitos para a sociedade, por isso, para contribuir com este debate (pois sua reflexão tem se voltado, principalmente, no sentido de perceber como esta área do conhecimento tem participado na produção do saber sobre a diferença sexual), Joan Scott, professora de Ciências Sociais no Instituto de Estudos Avançados em Princeton, historiadora e militante feminista estadunidense, que defende a ideia de que o conhecimento histórico é um instrumento que participa da produção do saber, e ainda acrescenta:

História é tanto objeto da atenção analítica quanto um método de análise. Vista em conjunto desses dois ângulos, ela oferece um modo de compreensão e uma contribuição ao processo através do qual gênero é produzido (SCOTT, 1994,p. 13-14).

Fica perceptível, diante desta afirmação, que o conhecimento histórico não é o documento suficientemente fiel à realidade vivida, ele é, na ótica de Scott (1994), um ângulo para o pesquisador, pois não contempla suficientemente as condições

Notas sempre no rodapé e apenas explicativas (nunca com referências bibliográficas), com fonte Cambria, tamanho 10, espaçamento entre linhas simples. Não usar notas de rodapé manuais, empregar a ferramenta específica do Word for Windows.

[www.xicongressohispanistas.com.br](http://www.xicongressohispanistas.com.br)  
[contato@xicongressohispanistas.com.br](mailto:contato@xicongressohispanistas.com.br)



vivenciadas por mulheres ao longo do tempo. O que ele nos proporciona é um remonte do que supostamente teria se passado, através de documentos oficiais disponíveis. Faz-se necessário tal afirmação, pois entendemos a incompletude dos conceitos apresentados neste trabalho, bem como entendemos que algumas observações estão intimamente dependentes dos documentos disponíveis.

De tal modo, faz-se necessário entender que o período social e histórico no qual nos encontramos é caracterizado por múltiplas significações, deste modo, trataremos de agregar a nossa reflexão os escritos do indiano Homi Bhabha (2013) que apresenta, em seu livro ***O Local da cultura*** (2014), um questionamento de extrema importância para o sujeito contemporâneo: “De que modo se formam sujeitos nos “entrelugares”, nos excedentes da soma das partes da diferença (geralmente expressas como raça/classe/gênero, etc.)?” (BHABHA, 2013, p.20). Ou seja, de que modo podemos pensar questões de identidade em um local e tempo contemporâneos, cuja característica é a não-fixidez, o movimento, uma certa fluidez do que antes era tido como estático.

Para o estudo da autora que estamos propondo, este questionamento se faz básico, pois, tanto seu contexto de escrita quanto suas vivências estão em um entrelugar, como Bhabha (2013) segue afirmando: “Essa passagem intersticial entre identificações fixas abre a possibilidade de um hibridismo cultural que acolhe a diferença sem uma hierarquia suposta ou imposta” (BHABHA, 2013, p.23), é justamente nesta conjuntura que a autora está inscrita escrevendo suas histórias: “outra de essas novias del outro lado de la frontera. Y toda familia está em México” (CISNEROS, 1996, 58). Esta passagem está inscrita no conto ***El Arroyo de la llorona***, ela nos conta um pouco da vivência em fronteira que mencionamos, bem como do afastamento do referencial (família, amigos, cultura) que ela produz.

A esta discussão se faz pertinente acrescentar Stuart Hall (1998), quando defende uma concepção de identidade que permita uma dinâmica, aceitando que as identidades não são unificadas, pois são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas, e acrescenta:

As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como unificado. Assim chamada “crise de

Notas sempre no rodapé e apenas explicativas (nunca com referências bibliográficas), com fonte Cambria, tamanho 10, espaçamento entre linhas simples. Não usar notas de rodapé manuais, empregar a ferramenta específica do Word for Windows.

[www.xicongressohispanistas.com.br](http://www.xicongressohispanistas.com.br)  
[contato@xicongressohispanistas.com.br](mailto:contato@xicongressohispanistas.com.br)



identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (HALL, 1998, p.9).

É precisamente porque as identidades são construídas dentro do discurso que nós precisamos compreender que, para pensar o movimento das mulheres na contemporaneidade como construção de um local histórico e social devemos ir ao interior das práticas discursivas, em nosso caso, os contos de Sandra Cisneros (1996).

É possível fazer uma relação entre os escritos de Bhabha (2013), Hall (1998) e o movimento feminista; segundo este último, o conceito de identidade dialoga com a noção de hibridismo cultural, que para o autor indiano é justamente essa analogia que permite às minorias buscarem uma identidade que possam conferir autoridade aos seus discursos. Assim, o sujeito do “entrelugar” realinha as fronteiras de espaço e tempo e, como pretende Bhabha (2013), faz com que o “além” seja um “espaço de intervenção no aqui e no agora”.

Podemos considerar, dessa forma, que a obra de Sandra Cisneros é um marco importante para o entendimento de um novo movimento, onde o feminino não deve mais ser homogeneizado. Pois no momento em que vivemos, de identidades fragmentadas e fronteiras fluidas, é necessário mover as tradições que ainda engessam principalmente o sexo dito “frágil”, pois “da sofrida decifração de emaranhados verbais emerge uma narrativa fluida (CALVINO, 1990, p. 59)”, e esta é a que nos interessa emergir tanto em sua subjetividade, quanto em sua complexidade, como reafirma a personagem do conto *Nunca te cases con um mexicano*: “Decías mi doradita en español. Me gustava que me hablaras en mi idioma (CISNEROS, 1996, p. 81)”.

À complexidade referida anteriormente, acrescentamos o conceito de interseccionalidade, tema este que nos inicia a um processo de descoberta, nos alertando para o fato de que o mundo a nossa volta é sempre mais complicado e contraditório do que nós poderíamos antecipar. Ele ainda, não prevê orientações estanques e fixas para fazer a investigação feminista. Ao invés disso, estimula nossa criatividade para olhar para novas e formas de fazer análises feministas. Davis (2008) afirma que:

Notas sempre no rodapé e apenas explicativas (nunca com referências bibliográficas), com fonte Cambria, tamanho 10, espaçamento entre linhas simples. Não usar notas de rodapé manuais, empregar a ferramenta específica do Word for Windows.

[www.xicongressohispanistas.com.br](http://www.xicongressohispanistas.com.br)  
[contato@xicongressohispanistas.com.br](mailto:contato@xicongressohispanistas.com.br)



A interseccionalidade não produz uma normativa para monitorar a investigação (...) na busca de uma 'linha correta'. Ao invés disso, encoraja a cada acadêmica feminista a se envolver criticamente com suas próprias hipóteses seguindo os interesses de uma investigação feminista reflexiva, crítica e responsável (DAVIS, 2008, p. 79).

As palavras de Davis (2008) comungam de maneira ímpar com as noções desenvolvidas em nosso trabalho até este momento, pois refletem a prática feminista de maneira crítica e responsável com as representações e demandas das mais diferentes mulheres. Considero relevante, dessa forma, mencionar a teórica pós-estruturalista Judith Butler (2003), para ampliar nossa reflexão, em sua empreitada em problematizar a categoria "mulher" como sujeito do feminismo, afirmando assim que:

Se alguém 'é' uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é (...) o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas (...) [e] se tornou impossível separar a noção de 'gênero' das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida (BUTLER, 2003, p. 20).

Percebemos deste modo, que a interseccionalidade é vista como uma das formas de combater as opressões múltiplas e imbricadas e, portanto, como um instrumento de luta política. É nesse sentido que consideramos este conceito ao mesmo tempo um "projeto de conhecimento" (COLLINS, 2014) e uma arma política. Pois entendemos a necessidade de pensar as dominações de forma conjunta, a fim de, justamente, não contribuir para sua reprodução, dessa forma percebemos que, segunda a autora, em *No te cases con un mexicano: Hubo una época en que lo que más quería era pertenecer a un hombre. Llevar puesto este anillo de oro en la mano izquierda* (CISNEROS, 1996, p. 74)."

A interseccionalidade remete, ainda, a uma teoria transdisciplinar que visa a entender a complexidade das identidades e das desigualdades sociais por intermédio de um enfoque integrado, tendo em vista a fluidez contemporânea já mencionada e discutida com a ajuda de Hall (1998) e Bhabha (2013), ela vai além de uma simples divisão por categorias de articulação de múltiplas diferenças e desigualdades, pois desvelam as opressões antes invisíveis. Tudo isso foi possível

Notas sempre no rodapé e apenas explicativas (nunca com referências bibliográficas), com fonte Cambria, tamanho 10, espaçamento entre linhas simples. Não usar notas de rodapé manuais, empregar a ferramenta específica do Word for Windows.

[www.xicongressohispanistas.com.br](http://www.xicongressohispanistas.com.br)  
[contato@xicongressohispanistas.com.br](mailto:contato@xicongressohispanistas.com.br)



ponderar a partir do entendimento sobre o poder transformador da literatura, seu movimento nas margens e como é importante fissurar a hegemonia canônica com outros modos de ser, sentir e compreender o mundo.

Entendemos a escrita de Sandra Cisneros como uma prática social feita por pessoas inscritas no entrelugar biológico-geográfico; no livro ***Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar***, Fernando Ortiz (1983) nos explica e nomeia este fenómeno:

El vocablo *transculturación* expresa mejor las diferentes fases del proceso transitivo de una cultura a otra porque este no consiste solamente en adquirir una destinada cultura, que lo que en rigor indica la voz angloamericana *aculturación*, sino que el proceso implica también necesariamente en la pérdida o desarraigo de una cultura precedente, lo que pudiera decirse una parcial *desculturación* (ORTIZ, 1983, p. 90).

A partir da citação anterior é possível entender como se constrói a caracterização da escrita da autora que analisamos. Assim, percebemos que as características mencionadas anteriormente fazem parte da própria definição do tipo de literatura feita por Sandra Cisneros, uma literatura transitiva, em ***Barbie - coa***: “Y qué importa si no conseguimos nuestra nueva Barbie de piernas flexibles y nuestro Midge. Si la vistes con su nuevo traje “Noche de graduación”, mientras no le levantes el vestido, quien se va a enterar” (CISNEROS, 1996, p. 17).

Pois a autora está engajada a um vínculo interseccional, ou seja, inscreve-se em um cruzamento de identidades sociais e sistemas relacionados de opressão, dominação ou discriminação, fato este que é possível identificar em suas obras. Tal opção se dá por julgarmos que a literata nos transporta a encontrar o seu espaço identitário por intermédio de seu texto, além de denunciar os elementos opressores da cultura Chicana.

Assim, é importante entender o gênero literário no qual Sandra se inscreve: o conto<sup>9</sup>. Neste sentido, por intermédio de sua forma rápida e direta, ele nos

---

<sup>9</sup> Definimos este gênero literário com a ajuda de Júlio Cortázar (1976), em seu texto Sobre el cuento: “En primer lugar, no hay tales leyes; a lo sumo cabe hablar de puntos de vista, de ciertas constantes que dan una estructura a ese género tan poco encasillable; en segundo lugar, los teóricos y los críticos no tienen por qué ser los cuentistas mismos, y es natural que aquéllos sólo entren en escena cuando exista ya un acervo, un acopio de literatura que permita indagar y esclarecer su desarrollo y sus cualidades.” (CORTÁZAR, 1976, p.1)



possibilita perceber o contexto no qual este se organizou. Ou seja, atribui-se às características formais a maneira pela qual a obra se organiza para sintetizar a vida cotidiana, é assim que entendemos o uso de contos pela autora que estamos investigando, sendo este muito apropriado, tendo em vista as dinâmicas sociais que vivemos atualmente e já apresentadas anteriormente.

Destarte, ela se apega às experiências individuais e coletivo-reais e para se expressar ressignificando assim às dimensões do que é realidade, estreitando dessa maneira as ligações entre o indivíduo e o mundo, além do olhar sobre como se dá esta relação. Por isso, na pós-modernidade<sup>10</sup>, parece ser conveniente refletir sobre identidades *não-fixas* e vibrantes, como as apresentadas por Cisneros, pois o particular e o universal, agora, se confundem, igualmente como ocorre com o público e o privado, que já não se delimitam com tanta (nenhum) facilidade, pois o universal pressupõe que existe algo em comum, nem que seja a condição de seres humanos; já o particular, respaldado pelo pensamento Iluminismo, implica a existência de uma subjetividade que é fulcral para a produção literária moderna.

Por conseguinte, é preciso notar que a ideia de unidade ficou para trás, dando lugar à celebração da diferença, como antes mencionamos na reflexão sobre o movimento ondulatório feminista. Tal dito se dá no ato do reconhecimento que estamos oscilando entre o mesmo e o diverso (GLISSANT, 1981).

Gostaríamos, dessa forma, enfatizar a intertextualidade: “Quería ser Frida” (CISNEROS, 1996, p.78), onde se inscreve a busca da escritora para refletir numa linguagem universal o seu particular. Em razão disso, a escrita de Cisneros é fiel à sua experiência individual e problematiza de modo intenso a correspondência entre o literário e o real, já que é na maneira pela qual ela apresenta seu texto (sua forma e linguagem) que percebemos onde está o vocativo realista.

---

<sup>10</sup> Após a queda do Muro de Berlim (1989), o colapso da União Soviética e a crise das ideologias nas sociedades ocidentais no final do século XX, o uso deste termo se tornou corrente, embora haja controvérsias quanto ao seu significado e a sua pertinência. Segundo Walter Benjamin, Em seu ensaio *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica* (2018), a pós-modernidade seria apenas uma extensão da modernidade, período em que, segundo Benjamin, ocorre à perda da aura do objeto artístico em razão da sua reprodução técnica, em múltiplas formas: cinema, fotografia, vídeo.

Este aspecto constitui-se como fases de um procedimento analítico que intenta descrever o processo de deslocamento das estruturas tradicionais ocorrido nas sociedades modernas e pós-modernas, assim como o descentramento dos quadros de referências que ligavam o indivíduo ao seu mundo social e cultural.

Notas sempre no rodapé e apenas explicativas (nunca com referências bibliográficas), com fonte Cambria, tamanho 10, espaçamento entre linhas simples. Não usar notas de rodapé manuais, empregar a ferramenta específica do Word for Windows.



Além disso, a contemporaneidade oferece a possibilidade de ponderar sobre o mito/lenda – gêneros que nossa autora mobiliza em suas obras. Deste desaparecimento de moldes da sociedade atual, Sandra Cisneros cria sua assinatura em meio às escritas Chicanas. Em vista disso, esta característica destacada anteriormente impulsiona a identificação entre o autor e o público, dessa forma, o mito une-se ao conto e a sua estrutura. Consequentemente percebemos que Cisneros cria uma alternativa aos textos masculinos – lendas ou mito: que muitas vezes servem de instrumentos de regulação sociocomportamental.

A autora interpreta, dessa maneira, os padrões culturais Chicanos: “No importa. Igual a la Virgen de Guadalupe, la abuela intercede por ellos (CISNEROS, 1996, p.17)”

Desde uma perspectiva feminina, como também, concede voz à realidade até então subalternizada pelo ponto de vista patriarcal. Por isso afirmamos que as narrativas modernas são fluxos culturais que nos fazem entender o ser humano como ser cultural, sendo dessa forma, é importante atribuir sentidos para essas obras como as de Cisneros, com a intenção de criar alteridade, pois acreditamos que a constituição do sujeito é dada em relação aos diferentes graus de consciência. Por este motivo, é preciso refletir sobre as vivências nos textos literários, pois as identidades são dinâmicas e a cultura transforma, cultivando a natureza do ser, interpenetrando diálogos e fazeres, possibilitando, dessa maneira, mudanças de perspectiva.

As escritoras Chicanas tiveram um papel fundamental na produção de discurso contra hegemônico, pois os textos escritos a partir da terceira onda representam uma crítica aos discursos oficiais que serviam para legitimar o sistema vigente. Contrapondo-se a esses discursos, as escritas de mulheres como Sandra Cisneros desarticulam, assim, as identidades sociais, baseadas em conceitos unificadores. Com a consolidação da produção cultural Chicana escritoras inscritas nesta cultura, em geral, optaram pelo *spanglish*, uma vez que era usado no cotidiano dos Chicanos, como propósito manter a tradição hispânica, intercalando-a com a realidade bilíngue e bicultural: a literatura postula aqui, de tal modo,



constrói identidades culturais alternativas que questionam prévios modelos patriarcais baseados na exclusão.

A prática cultural da escritora Chicana que apresentamos, a partir de suas complexas estratégias temáticas, formais e políticas, assumiram uma persistente crítica ao patriarcado, contestando o racismo, o sexismo e a homofobia estadunidense, bem como o sexismo e homofobia do nacionalismo Chicano, em paralelo o deslocamento, em sentido literal, remetendo à diáspora, e o deslocamento em sentido figurado, remetendo à sensação de estranhamento e desterritorialização pela separação do indivíduo ou grupo que emigra de sua tradição cultural e entra em contato com uma cultura outra, nos fez escolher a escrita de Sandra Cisneros para analisar neste trabalho.

Com isso, pretendemos desvelar como as identidades híbridas que são representadas por Sandra Cisneros e que também foram marcadas pela experiência da imigração e transculturação no espaço geográfico delimitado como estadunidense.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANZALDÚA, Glória. **La conciencia de la mestiza: Rumo a uma nova conciencia**, 1987.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BENJAMIN, **Magia e Técnica, Arte e Política: Obras escolhidas, Vol. 1**. São Paulo: Brasiliense: 2011

BUTLER, Judith. **Bodily inscriptions, performative subversions. Gender trouble: feminism and the subversion of identity**. New York: Routledge, 1990.

BUTLER, Judith.. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith.. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”**. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

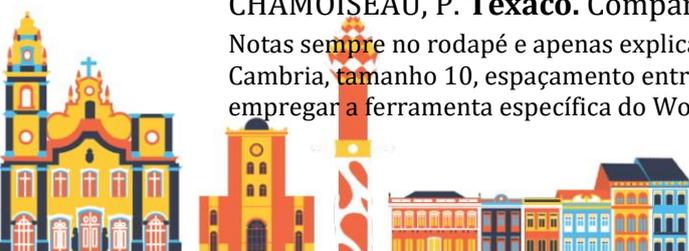
BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Bertrand Brasil: São Paulo, 2014.

CALVINO, Italo. **Se um viajante numa noite de inverno**. 1º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHAMOISEAU, P. **Texaco**. Companhia das Letras: São Paulo, 1992.

Notas sempre no rodapé e apenas explicativas (nunca com referências bibliográficas), com fonte Cambria, tamanho 10, espaçamento entre linhas simples. Não usar notas de rodapé manuais, empregar a ferramenta específica do Word for Windows.

[www.xicongressohispanistas.com.br](http://www.xicongressohispanistas.com.br)  
contato@xicongressohispanistas.com.br



CHIMAMAMANDA NGOZI ADICHE. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das letras 2009.

CISNEROS, Sandra. **El arroyo de la Llorona**: y otros cuentos. New York: Vintage Books, 1996.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**: literatura e senso comum. Trad. de Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

GARCÍA, Virginia Ávila. **Feminismo académico y militante**. Revista Venezolana de Estudios de la Mujer versión impresa. ISSN 1316-3701 Revista Venezolana de Estudios de la Mujer v.15 n.34 Caracas, Mexico, jun. 2010.

GLISSANT, Edouard. **Poética da diversidade**. Tradução: Enilce do Carmo Albergaría Rocha. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

CORTÁZAR, Julio. **Sobre el cuento**. 1976.

HOOKS, Bell. **O Feminismo É Para Todo Mundo**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. Versão digital. Pág. 86, 2018.

IKAS, KARIN ROSA, **Chicana Ways: Conversations With Ten Chicana Writers**. 2001

KLAHN, NORMA. **Chicana and Mexican Feminist Practices: De/Linking Cultural Imaginaries**, México, Nuevo Texto Crítico, vol. XV-XVI, no. 29-32, p. 163-174.

LAURETIS, Teresa de. **A tecnologia do gênero, tendências e impasses**: o feminismo como crítica da cultura. HOLANDA, HELOISA, Buarque de (Org.). Pós-modernismo e política. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LOBO, Patrícia Alves de Carvalho. **Chicanas em busca de território**: A herança de Gloria Anzaldúa. Lisboa, 2015.

MIGNOLO, Walter D. **A desobediência epistêmica**: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Dossiê: Literatura, língua e identidade. Cadernos de Letras da UFF. n. 34, p. 287-324, 2008.

SCOTT, Joan W. **História das mulheres**. In. BURKE, Peter.(Org.) A Escrita da História: Novas Perspectivas. São Paulo: Unesp. 1992.

SCOTT, Joan W. **Gênero e historia**. México: Fondo de Cultura Económica, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Zahar: São Paulo, 2003.

Notas sempre no rodapé e apenas explicativas (nunca com referências bibliográficas), com fonte Cambria, tamanho 10, espaçamento entre linhas simples. Não usar notas de rodapé manuais, empregar a ferramenta específica do Word for Windows.

[www.xicongressohispanistas.com.br](http://www.xicongressohispanistas.com.br)  
[contato@xicongressohispanistas.com.br](mailto:contato@xicongressohispanistas.com.br)

